

A utilização de um livro paradidático como recurso pedagógico no componente curricular Educação Física para pensar a Inclusão escolar e esportiva

The use of a textbook as a pedagogical resource in the Physical Education curricular component to think about school and sports inclusion

Kênio Erithon Cavalcante LIMA*
Keoma Tabosa Guimarães MATIAS**
Ernani Nunes RIBEIRO***

RESUMO: Este estudo buscou compreender como a aplicação de livros paradidáticos, para contextualizar a inclusão educacional no componente escolar da Educação Física na Educação Básica, colabora com a aprendizagem sobre regras e situação de jogo, com foco nas práticas esportivas do vôlei sentado, mas também na construção de valores e do respeito mútuo. Procedeu-se com a leitura e reflexões sobre o livro com escolares do 1º ano do Ensino Médio, seguido de vivências práticas do vôlei adaptado. Diagnosticou-se a percepção dos estudantes através de pesquisa na Escala Likert e questões discursivas sobre a pertinência do livro no processo de aprendizagem sobre a temática em estudo e na construção de entendimentos sobre a inclusão educacional. Os participantes relataram ser significativo o processo lúdico com o livro paradidático para a aprendizagem de novos conhecimentos dentro de um campo de saberes sobre inclusão escolar e esportiva, temática pouco ou nada discutida na formação social dos estudantes no âmbito escolar. Constatou-se ser promissor esse processo de ensino por melhor envolver os estudantes em situações que ampliam os conhecimentos necessários à sua formação social e humana.

PALAVRAS-CHAVE: Esporte adaptado. Recurso alternativo. Lúdico..

ABSTRACT: This study sought to understand how the application of educational books, to contextualize the educational inclusion in the school component of Physical Education in Basic Education, collaborates with learning about rules and game situations, focusing on the sports practices of sitting volleyball, but also on construction values and mutual respect. Proceeded with reading and reflections on the book with students from the 1st year of high school, followed by practical experiences of adapted volleyball. Students' perceptions were diagnosed through research on the Likert Scale and discursive questions about the relevance of the book in the learning process on the subject under study and in the construction of understandings about educational inclusion. Participants reported that the playful process with the para-didactic book was significant for learning new knowledge within a field of knowledge about school and sports inclusion, a theme that was little or not discussed in the social formation of students in the school environment. This teaching process was found to be promising for better involving students in situations that expand the knowledge necessary for their social and human formation.

KEYWORDS: Adapted sport. Alternative resource. ludic.

*Doutor em Educação, Professor na Universidade Federal de Pernambuco, ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7434-7013>, e-mail: kenio.lima@ufpe.br.

**Licenciado em Educação Física e mestrando em Educação (PPGEdu/UFPE), Professor da Educação Básica no Município de Caruaru-PE, ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1953-3141>, e-mail: keoma.tabosaguimaraes@ufpe.br.

*** Doutor em Educação, Professor na Universidade Federal de Pernambuco, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2160-2137>, e-mail: ernani.ribeiro@ufpe.br.

1 Introdução

A prática pedagógica do(a) professor(a) na Educação Básica ainda se coloca desafiadora diante das responsabilidades que recaem sobre ele(a), dentre estas a de garantir a inclusão em sua *práxis*. Diante desse e de tantos outros desafios presentes na profissão docente é que acreditamos no compromisso de os professores de Educação Física na Educação Básica repensarem suas estratégias. É significativo para o seu trabalho escolher os recursos para aplicar nas suas atividades de forma a incluir os estudantes com deficiências ou com singularidades de locomoção e/ ou mobilidade física em um contexto de aprendizagem que trabalhe as particularidades daqueles. Por sua *expertise*, o professor precisa buscar os saberes do que fazer, do por que e do como ensinar o conhecimento pertinente a esse estudante na disciplina escolar de forma a capacitá-lo, respeitando suas características e peculiaridades.

Nesse contexto de possibilidades de recursos e estratégias favoráveis ao exercício docente na prática do professor, constituintes do processo da inclusão com equidade, tomaremos os livros paradidáticos como instrumento que, bem explorados pelos professores em estratégias cooperativas, colaboram com a leitura, interpretação e aplicação por parte dos participantes. Apropriam-se dos conhecimentos e valores peculiares a um campo de conhecimento com ludicidade e contextualização sobre a temática explorada (MELO, 2004; RODRIGUES, 2015). Acrescente a esse processo o próprio compromisso social que a Educação demanda, em que se fazem pertinentes e necessárias discussões com temáticas sociais e educacionais relacionadas a aspectos explorados ou dimensionados, a exemplo dos esportes, no tocante à inclusão nas escolas, por demandarem ampla inserção e reflexões às diversificadas situações de aprendizagem no campo de saberes do componente curricular Educação Física (BIANCONI; MUNSTER, 2009; CARDOSO, 2011).

Ao pensarmos as condições da inclusão com equidade no contexto dos esportes no componente curricular Educação Física, torna-se premente inovar com a compreensão de projetos e situações que melhor evidenciem e explorem as particularidades dos estudantes, como também ofereçam recursos diversos com as devidas estratégias aos professores, firmados em bases epistemológicas que coloquem “a cultura científica em estado de mobilização permanente” (BACHELARD, 2007, p.24). É essencial transformar e ressignificar as formas de ensino e aprendizagem para a formação de novos valores pessoais e sociais dos estudantes, pois, ao pensar as estratégias comumente aplicadas nos espaços de

aprendizagem de nossas escolas, aceitamos o destino de que é preciso substituir “o saber fechado e estático por um conhecimento aberto e dinâmico” (BACHELARD, 2007, p.24). Precisamos criar condições de se ensinar e aprender com a devida pertinência, em que aceitamos, como desafio atual, desenhar aspectos legais que compreendam e discutam a inclusão nas práticas educacionais. No nosso caso, buscou-se diagnosticar as possíveis vantagens de se trabalhar com livros paradidáticos na contextualização e problematização, associado a atividades práticas sobre a temática, do saber discutido ao processo de aprendizagem dos estudantes com ou sem deficiência nas características e peculiaridades que o componente curricular Educação Física e o esporte coletivo adaptado, por si, oportunizam.

Diante do já relatado, recai-nos a questão: seria, então, a inclusão na educação um direito para todos? O princípio universal da educação para todos, garantido por lei (BRASIL, 1988), pressupõe a inclusão de todo cidadão brasileiro na escola e no esporte, nos jogos e nas brincadeiras por ela ofertado em todo o processo de escolarização a ser disposto pelo sistema público, como também no segmento privado (BRASIL, 1996). É nesse mesmo patamar do direito universal que a inclusão pressupõe, como um princípio estabelecido, ser uma realidade a todos os estudantes. Mesmo diante das dificuldades e/ou limitações dos sistemas educacionais, é indiscutível que a apropriação dos conhecimentos e o desenvolvimento corporal, afetivo e cultural, necessários ao sucesso social dos estudantes, estejam acessíveis em seu percurso pelo processo educativo então ofertado.

De acordo com a legislação em vigor no Brasil, a exemplo de Brasil (2015), asseguram-se diversos direitos à inclusão do estudante como compromisso das políticas públicas e dos sistemas educacionais com a reestruturação de seus espaços para as adaptações necessárias – infraestrutura física das instituições –, garantindo as condições que atendam às necessidades desses estudantes, sem exclusões (MANTOAN, 2003). A nossa legislação também afirma o direito de toda pessoa estar na e participar da formação escolar, não aceitando a possibilidade de exclusão por etnia, credo religioso, fator econômico ou a presença/ausência de alguma deficiência e/ou singularidade (CURY, 2002; GOMES, 2012).

Nesse percurso em que a escola se faz o espaço dos acontecimentos, e aqui se convoca a atenção para o contexto da inclusão com equidade, compreende-se essa instituição como espaço social construído por muitas pessoas. Na composição dessa escola, a presença dos professores se faz significativa por eles serem, ainda, os principais mediadores na disseminação e apropriação dos saberes estabelecidos pela humanidade. No conjunto, a escola

e os professores ainda são, nos dias atuais, importantes e necessários propagadores dos conhecimentos historicamente construídos, aplicados nas situações cotidianas da vida em sociedade das pessoas. Aqueles são a instituição formadora e os profissionais mediadores de saberes, definindo suas atuações ao intervirem com os seus estudantes nas diversas situações e espaços de aprendizagem então estabelecidos.

Como possibilidade de intervenção, é sempre considerável que o professor saiba trabalhar com diversos outros saberes, muitos não construídos e/ou consolidados na sua formação inicial, para incluir e acolher os estudantes diante de limitações físicas, psíquicas e afetivas com equidade. Firma-se, para esse professor, um compromisso em se libertar de preconceitos e/ou diferenciações que lhe garanta a apropriação dos conhecimentos e estratégias pertinentes ao efetivo exercício da profissão docente nos mais diversos espaços e situações de aprendizagem a que venha a atuar junto aos seus estudantes. É preciso superar barreiras que travam os processos necessários à melhor estratégia de ensino para oportunizar aprendizagens aos seus estudantes.

2 Pressupostos teóricos

2.1 A conjuntura do direito à inclusão no esporte e no contexto educacional

Ao resgatarmos fatos históricos sobre a pessoa com deficiência, constatamos o quanto a exclusão se fez presente nas várias formas de manifestação social. A prática esportiva é um forte exemplo disso. O esporte, por muitos anos, associou fortemente seus praticantes à perfeição e à superação de limites, explorando suas habilidades, destrezas e força diante do adversário. Consequentemente, seriam excluídos desse cenário e perfil pessoas com deficiência por não conseguirem ser representativas das “pessoas perfeitas”, qualificadas a simbolizarem a força dos povos em um tempo não tão distante dos dias atuais. Assim, até pouco tempo, não seria prudente imaginar pessoas com deficiência ocupando espaços no esporte, esse destinado aos melhores atletas nas diversas modalidades que o contexto de disputas assim exigiria (BUSTO, 2011).

Passados os séculos, é coerente afirmarmos e chamar a atenção para o fato de que o reconhecimento da pessoa com deficiência, de suas capacidades profissionais e esportivas pelo outro sem deficiência na sociedade moderna é uma realidade recente (BRASIL, 2015). Surge de forma tardia por se negar, por muitos séculos, o direito do outro com deficiência (COSTA; SOUSA, 2004; BUSTO, 2011; CARDOSO, 2011). Decerto, a exclusão foi o

artifício, o mais cruel que se possa imaginar e se impor, para isolar as pessoas com deficiência das atividades de Educação Física por muitos anos, deixando-as às margens do processo sócio-educacional-esportivo. De forma manifestada, como processo de exclusão em instituições, o sistema educacional fez – e em situações particulares ainda faz – com que pessoas com deficiência acreditassem/acreditem que seriam/são incapacitadas e sempre limitadas a participarem de quaisquer atividades educativas práticas do componente curricular Educação Física. Negaram-nas e as fizeram se negar a possibilidade de superar limites do que não imaginavam ser capazes de fazer, a exemplo das atividades esportivas no contexto escolar, nas brincadeiras de rua, em competições oficiais com as devidas adequações e equidades garantidas e reconhecidas, de modo como o que hoje acontece nas Paralimpíadas. Em síntese, sempre foi mais simples retirar essas pessoas com deficiência do contexto esportivo, que acontecia na escola, fazendo-as desacreditarem de si. No processo contraditório, o sistema educacional os conferia situações de exclusão então necessárias para não ter que se adequar e criar as condições para que os estudantes com deficiência participassem do processo formativo escolar ofertado e garantido como conteúdo curricular, direito legal e universal (BRASIL, 1988; 1996, 2015).

Refletindo sobre essa diagnose, de modo a ratificar percepções destacadas neste trabalho quanto ao sistema educacional e a inclusão, Mantoan (2003) diferencia os conceitos e sentidos de “integrar” e “incluir”. Os mesmos destacam que integrar ocorre com a pessoa que se submete ao ambiente, no propósito de se adequar ao meio; diferentemente de inclusão, em que se pressupõe o ambiente e as outras pessoas se ajustando para atender às necessidades da pessoa com deficiência. Com reflexões ao exposto, Costa e Sousa (2004) resgatam e criticam aspectos históricos sobre a Educação Física e o esporte adaptado ao se referirem, à época, para as Pessoas com Necessidades Especiais (PNEs) ao afirmarem que “os princípios filosóficos da integração e inclusão levam-nos à possibilidade de um repensar sobre uma nova práxis da Educação Física voltada para o atendimento aos PNEs, principalmente na área escolar, visando à sua transformação para uma Educação Física Inclusiva” (p.28).

Diante dessa perspectiva apontada por Costa e Sousa (2004), acredita-se que o esporte oportuniza maior aplicação de habilidades e chancela a inclusão de pessoas com deficiência nas atividades características de sua execução prática, quando ofertadas nas condições necessárias para o componente curricular Educação Física com equidade. Por sua natureza e finalidade, os esportes aumentam a capacidade de raciocínio rápido, a atenção às orientações e

aos comandos dos professores, dos conhecimentos para a aplicação das regras referentes à prática esportiva. Pelo conjunto de vantagens, confirma-se então a importância do professor construir as condições e os momentos para que pessoas com deficiência obtenham essas conquistas, na certeza de que (...)

não importa a eventual condição de uma criança, de um jovem, de um adolescente, a educação integral, capaz de oferecer às pessoas instrumentos para tornarem-se cidadãos sob todos os aspectos, tem a tarefa de promover o desenvolvimento global, tanto do ponto de vista físico quanto cognitivo, psicoafetivo, social e cultural, facilitando os processos de interação e de comunicação e oferecendo apoio e suporte às famílias. (BRASIL, 2011, p. 10).

Diante do pressuposto, dos desafios e compromissos sociais assumidos pela docência, o professor de Educação Física necessita estar qualificado com competências diversas, como conhecimentos específicos, sensibilização com as características do outro, técnicas referentes aos esportes envolvidos, mas também estar acessível para administrar as situações que se colocam fora do padrão comumente estruturado em sua formação profissional (COSTA, 2010). Como condição da docência, esse professor, diante do desafio de incluir, precisa preconizar conhecimentos e habilidades que o auxiliem na criatividade necessária para adequar suas práticas do componente escolar às particularidades reais de seus estudantes como garantia da inclusão no esporte, do exercício da cidadania e da valorização da pessoa praticante (CARDOSO, 2011; SILVA et al., 2013).

2.2 Superando barreiras para inovar na práxis pedagógica

Ao se utilizar dos pressupostos da Teoria de Gaston Bachelard, no tocante aos obstáculos epistemológicos, identifica-se o quanto as barreiras conceituais e as práticas, pela ausência de contextualizações e exemplificações mais eficientes, distanciam os estudantes de se apropriarem de conhecimentos e de conhecerem o que se faz necessário para evoluírem social e motivacionalmente. Em um de seus entendimentos, Bachelard (2007, p.19) afirma que “um obstáculo epistemológico se incrusta no conhecimento não questionado”, que não se confronta com outras formas de entendimento ou aplicação. Tais obstáculos são mais facilmente desconstruídos quando, na oportunidade de novas evidências, percebe-se superado e substituído por conhecimentos mais pertinentes à realidade que o estudante vivencia e precisa aprender.

Mas, como superar esses obstáculos quando o estudo sobre a inclusão e a vivência dos esportes no contexto escolar permanece no imaginário? Por certo, não há respostas; mas compromissos e desejos em superar os possíveis obstáculos então existentes nas pessoas quando o sistema de ensino e seus professores negligenciam alternativas pertinentes para as situações, de forma a colocar os estudantes, pela empatia, no lugar e contexto do outro. Dentre as possibilidades, Bachelard (2007) destaca as situações experimentais em que os participantes podem construir e experienciar contextos e momentos diferentes, em que podem se colocar na situação do outro para superar concepções equivocadas e/ou limitadas então existentes.

No caso deste estudo, na situação de pessoas com deficiência, busca-se, em uma possibilidade diferenciada, contextualizar situações de inclusão com equidade seguidos de situações práticas que, pela empatia de se colocar estudantes sem deficiência na situação do outro, envolve-os e os deixam se contagiar. Implicados no lúdico, vivenciam momentos inusitados de aprendizagem através de processos não programados pelo sistema de ensino; porém inovadores por lhes permitir conhecer outros contextos e percursos para aprendizagens integrais e mais humanizadas.

2.3 Os Livros Paradidáticos para contextualizar e problematizar o saber docente em questão

Os livros paradidáticos, aplicados como recurso didático, fazem-se viáveis e propositivos no processo de ensino aprendizagem nas mais diversas áreas de conhecimento. Complementares ao livro didático, comparativamente a outros recursos, os livros paradidáticos cooperam tanto na leitura como na apropriação de definições conceituais pelo leitor no percurso construtivo ao processo de escolarização. Faz-se colaborativo com a superação de entendimentos equivocados ou não suficientemente adaptados ao conhecimento vigente e validado socialmente (MELO, 2004; LIMA; SANTOS; LIMA, 2016). Contextualiza e provoca no estudante possibilidades de inquietações diante dos saberes anteriormente estabelecidos, no referente aos conteúdos explorados nas obras.

De certa forma, os livros paradidáticos comumente conseguem aproximar o leitor de uma realidade que materializa o conhecimento em estudo com a vida cotidiana, aplicada com linguagem mais simples e com menor formalidade e terminologias técnicas. Propicia aos estudantes/leitores compreensão para maior aprendizagem do que se é proposto ensinar e

discutir na narração, com inserções de contextos históricos e/ou ficcionais (LIMA; SANTOS; LIMA, 2016). É no contexto de novas perspectivas de ensino e aprendizagem que pressupomos a interdisciplinaridade por meio dos livros paradidáticos como base integradora dos vários campos de conhecimento que dão sustentação às relações sociais existentes em orientações legais que estimulam e dão importância à leitura para a formação social das pessoas.

Por sua importância, esses recursos assumem significativa relevância no processo de aprendizagem das pessoas por exercitarem a criticidade, a reflexão, a criatividade e a capacidade interpretativa que estimula e embasa o processo da escrita (RODRIGUES, 2015). Características também relatadas e constatadas em trabalhos científicos de Assis e Teixeira (2003); Precioso e Salomão (2014); Rodrigues (2015) e Lima, Santos e Lima (2016) que fizeram uso de livros paradidáticos e mostraram, em suas análises, o quanto o professor pode usufruir desses recursos para o ensino e aprendizagem em diferentes disciplinas. Em um exercício da *práxis*, compreende-se o quanto se faz necessário o professor (re)significar, todos os dias, a sua prática docente. Pois, diante de uma real necessidade, o professor, dentre tantos outros compromissos sociais, precisa estar atento às singularidades requeridas por sua profissão. Assim, (re)planejar suas estratégias e recursos sempre será uma demanda da docência para garantir o sentido pleno da inclusão escolar no processo educativo vigente (BRASIL, 1988; 1996; CURY, 2002; GOMES, 2012).

Por tais demandas, o professor necessitará sempre (re)pensar seus procedimentos com recursos e estratégias que melhor oportunizem a transposição do saber historicamente construído, condizente com as necessidades e capacidades de seus estudantes. Enfim, é preciso desconstruir concepções vistas como equivocadas para (re)estruturar as intervenções educativas, alicerçados no pensamento de que “o ato de conhecer dá-se *contra* um conhecimento anterior, destruindo conhecimentos mal estabelecidos, superando o que, no próprio espírito, é o obstáculo à espiritualidade” (BACHELARD, 2007, p.17). Ou seja, devemos assumir desafios que minimizem e/ou solucionem dificuldades de comunicação e de aprendizagem para melhor nos aproximar de nossos estudantes e de suas necessidades de formação.

Com tal compreensão, valida-se imaginar as diversas possibilidades desse estudante participar nas múltiplas atividades esportivas individuais e coletivas, desenvolvidas pelo referido componente curricular, a exemplo das variações na dança, nos jogos e nas outras

modalidades esportivas já praticadas nas parolimpíadas (BIANCONI; MUNSTER, 2009). Constrói-se, então, compromissos em se estabelecer a inclusão educacional pela Educação Física nos mais amplos sentidos para excluir concepções equivocadas de que as práticas esportivas são restritivas e/ou excludentes para pessoas com deficiência, o que não condiz para uma generalização (BRASIL, 1988; 1996; MANTOAN, 2003).

De acordo com concepções até o momento aqui apontadas e defendidas, no exercício da docência e no compromisso social então estabelecido pela e com essa profissão, entende-se o professor da Educação Física atuando além do conhecimento construído na formação inicial para (re)significar situações didáticas e fazer uso de recursos e estratégias diversas e distintas das que foram formados. Nesse compromisso de formação continuada, ele precisa buscar para acontecer, com equidade, as condições mínimas e as oportunidades aos estudantes de participarem dos processos de aprendizagem ofertados pela escola, independentemente do campo de saber que esteja sendo trabalhado e das limitações e singularidades existentes entre aqueles (BRASIL, 1988; 1996; CURY, 2002; BIANCONI; MUNSTER, 2009; DIAZ et al., 2009; GOMES, 2012; SILVA; LANDIM; SOUZA, 2014).

É simbólico e representativo se seguir na defesa de que existem possibilidades de adaptações, pois é no exercício da intermediação dos mais diversos conhecimentos, nas mais diversas formas de se ensinar, que o professor busca e pesquisa diferentes estratégias e recursos didáticos para exercer a docência. Ele diversifica e adapta para estabelecer a inclusão e a transposição dos saberes historicamente construídos no espaço escolar. Em síntese, ao conjunto do que foi exposto, torna-se importante avaliar os livros paradidáticos como recurso aplicado no processo de aprendizagem de outras áreas de conhecimento que não a leitura e a escrita puramente, na perspectiva desse recurso ser alternativo e colaborativo à construção de saberes que também vislumbram integrar os estudantes com e sem deficiência em situações reais de aprendizagem, sendo o caso deste estudo com os esportes coletivos adaptados.

No conjunto deste trabalho, delinea-se como objetivo avaliar de que forma os livros paradidáticos colaboram como recurso para contextualizar conceitos e situações de aprendizagem pertinentes à perspectiva da inclusão de estudantes com deficiência física, a exemplo da apropriação dos saberes sobre o vôlei adaptado. Assim, analisou-se de que forma a contextualização e as informações materializadas nas histórias exploradas no livro paradidático aqui utilizado melhor colaboraram com a apropriação de saberes necessários para a aplicação e vivência de atividades esportivas com inclusão no espaço escolar.

3 Nossos percursos metodológicos

Este estudo teve enfoque na pesquisa participante por envolver um dos pesquisadores nas intervenções ao colaborar no desenvolvimento das estratégias e com o entendimento e solução do problema em estudo (MALHEIROS, 2011), em que foram construídos os resultados com análises qualitativas. A vivência dessa proposta ocorreu em uma escola particular da cidade de Caruaru-PE por apresentar situação semelhante à explorada na obra: a de um estudante cadeirante praticando o esporte voleibol como atividade curricular da disciplina Educação Física.

Participaram voluntariamente de todas as etapas desta pesquisa 43 (quarenta e três) estudantes do primeiro ano do Ensino Médio com e sem deficiência e dois professores de Educação Física da referida escola. Esses estudantes vivenciaram: leitura e discussão do livro paradidático, atividades práticas simulando situações do vôlei adaptado e respostas à aplicação do questionário com perguntas abertas e afirmações para a escala Likert sobre as atividades esportivas vivenciadas e reflexões sobre o livro paradidático explorado. Um dos professores da escola – coautor desta pesquisa – atuou como colaborador. Todas as etapas aconteceram dentro dos aspectos legais orientados e autorizados pelo Comitê de Ética da Universidade Federal de Pernambuco com o **CAAE**: 54841915.9.0000.5208 e Número do Parecer: 1.978.790.

Nossa investigação avaliou, através da Análise de Conteúdo, como a inserção de um livro paradidático contribuiu com a temática em estudo e ao entendimento da relação da inclusão com os esportes adaptados no contexto escolar do componente escolar Educação Física. O livro paradidático intitulado “A Inclusão Educacional ocupando a quadra da minha escola”, posteriormente publicado, desenvolvido sem fins lucrativos, foi destinado a estudantes da Educação Básica e à formação continuada de professores da Educação Básica do componente curricular Educação Física. Trata-se de obra resultante de um projeto de extensão para a produção e aplicação de livros paradidáticos em escolas, executado pelos autores, devidamente aprovado em edital de extensão e registrado na universidade a que fazem parte, neste caso, Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). O livro foi confeccionado nos parâmetros e orientações técnicas disponíveis em Munakata (1997) e Arantes (2002), descrevendo uma situação, ainda que ficcional no contexto da obra, possível de acontecer em qualquer escola que possua estudantes com necessidades de inclusão para a

locomoção, sendo o caso identificado na escola na qual aconteceram as atividades educacionais e de pesquisa deste trabalho.

3.1 A descrição da narrativa do livro paradidático

A obra ficcional descreve a situação de um estudante com deficiência física recém-chegado a uma escola municipal, localizada na periferia de uma grande cidade, o qual deseja participar das atividades práticas do componente curricular Educação Física. O estudante vem de transferência de outra escola da mesma cidade, ingressando nessa nova escola no segundo semestre letivo. Na história, o professor de Educação Física se caracteriza por ser entusiasmado com a profissão, ainda que cerceado pelas dificuldades de recursos didáticos e espaços físicos – comuns a outras instituições de ensino –, mas que trabalha na perspectiva de sempre oferecer aos seus estudantes o que de melhor pode ser conquistado com a disciplina.

No enredo da história, o planejamento anual do professor já possuía a programação de se trabalhar o esporte voleibol no segundo semestre. Contudo, diante do estudante cadeirante, o professor começa a se indagar como incluí-lo em um esporte que, nos moldes tradicionais, por si exige muita mobilidade. Em conversa com os demais estudantes, resolveram reestruturar o planejamento, em que concordaram estudar e praticar o vôlei adaptado como forma de incluir o colega recém-chegado. Com o novo planejamento, iniciaram novas pesquisas sobre a história e a prática dos esportes adaptados, discutindo as regras para, então, criarem situações de jogos e aplicarem na prática o vôlei sentado, garantindo assim a inclusão ao estudante com deficiência.

3.2 Procedimentos da Pesquisa

Inicialmente, os responsáveis pela escola e os seus estudantes foram contatados para esclarecimentos sobre o projeto, seguindo com a obtenção do consentimento da gestão, dos professores e dos estudantes/responsáveis legais. Com as devidas autorizações, considerando os preceitos da ética na pesquisa, as atividades foram iniciadas, às quais envolveram, em momentos e situações distintas, grande parcela dos estudantes do Ensino Médio da escola.

No primeiro momento, tivemos o envolvimento dos quarenta e três estudantes do primeiro ano, que realizaram a leitura do livro paradidático em uma das aulas teóricas do componente curricular Educação Física para se apropriarem da história e das conseqüentes orientações e regras específicas sobre o esporte coletivo adaptado do vôlei sentado. Após a

leitura da obra, coordenada pelo professor de Educação Física com colaboração do coautor desta pesquisa, também professor de Educação Física da escola, realizou-se ainda em sala de aula uma reflexão em aula dialogada sobre a história contada, as situações relatadas, as peculiaridades do esporte adaptado com suas regras, o que permitiu enfatizar para refletir sobre as características da referida modalidade esportiva, contextualizando a situação de jogo com a inclusão das pessoas com deficiência física do tipo locomoção.

Em outro momento, para a aplicação e vivência de tudo que foi explorado e refletido com o livro paradidático, construiu-se uma situação que simulou o jogo do vôlei adaptado no espaço da quadra de esportes da referida escola. Nessa situação, foram convidados a participar os demais estudantes do Ensino Médio da escola em que a pesquisa aconteceu – do primeiro ao terceiro ano – com inclusão de um estudante cadeirante e de outra aluna com limitações de locomoção de membro inferior, esses também estudantes da referida escola, pertencentes à turma do terceiro ano do Ensino Médio.

Os estudantes formaram grupos que se revezavam, seguidos de orientações quanto às regras, em que deveriam manter bolas (bexigas de festa) ao ar, tocando para outros colegas, com deslocamentos pela quadra nas orientações do vôlei sentado, ou seja, sem retirar a região glútea do piso. Essa atividade veio construir a situação em que os estudantes se deslocaram simulando atletas durante a prática esportiva, vivenciando momentos característicos do voleibol adaptado, que seja o deslocamento e a manutenção das bolas ao ar, compreendendo a vivência de alguém com deficiência física, praticante do esporte. Durante a atividade prática, os estudantes tiveram orientações complementares e correções sobre as regras do jogo pelos professores de Educação Física da escola, como também observações no deslocamento, o que lhes permitiu superar preconceitos e adquirirem novos conhecimentos conceituais e práticos.

Em dia posterior às atividades esportivas descritas, aplicou-se um questionário de sondagem aos estudantes do primeiro ano, participantes de todas as etapas anteriores. O instrumento foi constituído de questões discursivas, às quais tiveram suas respostas categorizadas e organizadas para as análises baseadas na técnica da Análise de Conteúdo (BARDIN, 2011). Também tivemos questões afirmativas nos moldes da pesquisa de opiniões (Escala Likert), sendo estas respostas organizadas em quadros, possibilitando avaliar como o recurso livro paradidático colaborou com a construção do conhecimento em estudo e na execução prática de uma intervenção que explorou situação de jogo do vôlei adaptado.

3.3 Análise da Pesquisa

O material construído pela aplicação dos questionários aos estudantes possibilitou organizar os resultados no corpo do texto e em quadros para melhor visualização da síntese dos referidos achados. As questões discursivas foram fragmentadas por diferenciação das ideias para posterior reagrupamento dos fragmentos por semelhanças, o que se denomina por categorização, necessária ao estudo nos pressupostos da Análise de Conteúdo (BARDIN, 2011). Essa organização oportunizou construir categorias *a posteriori*, às quais possibilitaram melhor compreensão da concepção dos estudantes participantes das intervenções: pesquisa sobre o livro paradidático e as demais atividades com inclusão do vôlei sentado. Para maior confiabilidade das análises, algumas das falas dos sujeitos pesquisados foram transcritas no decorrer do texto, o que auxiliou a maior compreensão de suas concepções em referência aos conceitos e técnicas explorados neste estudo.

4 Resultados

4.1 Diagnósticos e entendimentos em referência aos resultados construídos

Referente às análises específicas sobre o uso do livro paradidático e sua colaboração ao momento de vivência da prática do esporte adaptado voleibol sentado, constata-se, como resultados da aplicação das questões discursivas, que os estudantes do primeiro ano avaliaram que o uso do livro, aplicado para discutir conhecimentos da Educação Física em situações específicas da inclusão, fez-se como algo inusitado (14,6%), como algo estimulante (24,4%) ou como um instrumento que os proporcionou uma forma diferente de aprender (61,0%). Essas informações ratificam preceitos da literatura sobre o uso de livros paradidáticos em situações distintas da simples leitura, descritos por Rodrigues (2015) e Lima; Santos e Lima (2016), e validam a importância dada pelos estudantes participantes ao recurso, referente à aprendizagem de conhecimentos, por se colocar como uma proposta além da comumente aplicada. Nesse caso, destaca-se a inserção da leitura de situações que retratam a execução da Educação Física escolar para se ganhar maior significância ao momento esportivo por problematizar e contextualizar percursos favoráveis ao processo de aprendizagem. Situação também confirmada em conclusões de outras pesquisas que evidenciam a coerência e a aplicabilidade dos livros paradidáticos a outros conhecimentos que não somente a leitura (ASSIS; TEIXEIRA, 2003; PRECIOSO; SALOMÃO, 2014; RODRIGUES, 2015; LIMA; SANTOS; LIMA, 2016).

Em outra pergunta discursiva, que relacionou o conteúdo da Educação Física e a situação específica da inclusão escolar e esportiva explorada no enredo do livro paradidático, os estudantes pesquisados compreenderam que a abordagem da inclusão em um contexto de prática esportiva adaptada também se fez algo inusitado (12,2%), algo estimulante (41,5%) e oportunizou uma forma diferente de aprender (46,3%), certos de que a inclusão e sua importância já não são mais debates estranhos na sociedade (BRASIL, 2015). Contudo, a sua aplicabilidade em situações reais para pessoas sem deficiência, como as descritas no referido livro, ainda é algo não tão convencional no processo de ensino de nossas escolas (COSTA; SOUSA, 2004; COSTA, 2010). O diferencial da proposta com a aplicação do recurso e dos procedimentos consequentes se fez algo oportuno para contextualizar e debater a temática, colaborando com a formação social das pessoas no contexto do componente curricular Educação Física no meio escolar.

Nesse percurso de situações e de análise, o sentido atribuído e compreendido ao termo “estimulante”, assinalado pelos entrevistados em referência ao livro paradidático, dá-se pela inquietação desses ao perceber que a história retrata uma realidade possível para qualquer espaço escolar; mas, certamente, não imaginável – até o momento – para os estudantes participantes desta pesquisa e das vivências esportivas ofertadas na escola. O fato de se colocarem na situação do outro – do sujeito social excluído por sua singularidade –, ignorando ou desconsiderando que esse também teria o desejo particular de participar de uma atividade prática escolar, fez com que os estudantes participantes de todas as etapas da intervenção sentissem o peso da exclusão imbuído por pessoas sem deficiência sobre as pessoas com deficiência. Com esse diagnóstico, expresso pelos estudantes, é coerente acreditar que o estudo e as discussões sobre a inclusão de pessoas com deficiência nas atividades esportivas coletivas ainda se fazem pouco refletidos e explorados na situação prática em muitos dos espaços escolares, confirmando o quanto a inserção dessa temática em nossas escolas ainda se faz negligenciada e tardia (COSTA; SOUSA, 2004; CARDOSO, 2011).

No conjunto das falas dos estudantes, destacam-se alguns fragmentos que afirmam a relevância da leitura do livro na temática e na atividade prática na sequência, pois, para E18, “me fez entender melhor sobre esse esporte com regras novas e como algumas pessoas com algum tipo de deficiência devem se sentir”. Nessa mesma perspectiva, seguem outras falas que ratificam a significância dessa proposta então trabalhada: “Porque na Educação Física não

estudamos muito a teoria com o uso de livros paradidáticos” (E31); “Precisamos aprender o outro lado do esporte, e termos sentido de perto o que é a deficiência, pois todos somos iguais” (E37). De mesma forma, avalia-se que a intervenção sobre o tema do esporte adaptado “ajuda as pessoas com deficiência a se sentirem importantes pelo que elas são e se integram com seus colegas de classe” (E11), ampliando o entendimento sobre a inclusão por exemplificar situações em que efetivamente essa acontece.

No conjunto dos comentários, as observações expressas em fragmentos das respostas discursivas confirmam o quanto é frágil e deficitário o saber e o agir sobre o conceito da inclusão, como já denunciado por Costa e Sousa (2004) e por Cardoso (2011). Em síntese, reforça-se o sentido da exclusão também no espaço escolar com a presença de preconceitos e obstáculos que prendem as pessoas em suas verdades, historicamente estabelecidas e não questionadas (BACHELARD, 2007).

Na situação do contexto escolar, impõe-se sobre o professor uma análise crítica pela necessidade de avaliar o quanto essa temática é pertinente e necessária em suas abordagens, com suas devidas discussões e reflexões, independentemente da disciplina e do conhecimento então trabalhado (BRASIL, 1988; 1996; CURY, 2002; BIANCONI; MUNSTER, 2009; DIAZ et al., 2009; GOMES, 2012; SILVA; LANDIM; SOUZA, 2014). Julgando as inquietações dos estudantes, expressas nas respostas aos questionamentos e também observadas durante a participação prática desses no vôlei adaptado, confirma-se que há a necessidade de mais situações de aprendizagem como essa, o que ratifica pesquisas anteriores, como as realizadas por Diaz e colaboradores (2009).

Neste estudo, afirma-se a real necessidade de apropriação de conhecimentos específicos ao esporte coletivo – regras e situações de jogo – como também, e de maior relevância, de situações que materializem a inclusão como um processo de aprendizagem de forma plena e pelo direito de todos (BRASIL, 2015). Em continuidade das análises sobre os resultados, constata-se que a aplicação do livro paradidático, como recurso de apoio ao processo então estudado (MUNAKATA, 1997), colaborou de modo diferenciado no referente à apropriação de conhecimentos pouco discutidos no processo de ensino, a saber: na inquietação dos estudantes para uma realidade muitas vezes não expressa e pouco indagada e na materialização do esporte adaptado com suas regras e situações particulares em que se explorou e se debateu a inclusão na realidade escolar, algo pouco explorado e/ou relatado pela literatura pertinente e convencional dos livros didáticos.

São constatações que sustentam as observações e evidências construídas com as análises das afirmações na “Escala Likert” (Quadro 01), ratificando o quanto os estudantes compreendem que a relação do livro paradidático e a abordagem da temática da inclusão, mediadas pelo componente curricular Educação Física, são direito de todos e obrigação do sistema de ensino em garantir sua real efetivação (BRASIL, 2011). Em suas avaliações, os estudantes consultados reconhecem que a leitura prévia seguida das discussões e reflexões sobre a história contextualizada no livro paradidático, acrescido da vivência da atividade prática esportiva, colaborou com a melhor apropriação de conhecimentos e para novas reflexões sobre inclusão e a equidade em referência às pessoas com deficiência (Quadro 01).

Quadro 01 – Avaliação dos estudantes sobre a educação inclusiva e a Educação Física.

Afirmações	DC	IT	CC
A inclusão deve ser discutida/trabalhada em todas as disciplinas da escola	4,7%	18,6%	76,7%
Participar dessa atividade me faz reavaliar o quanto necessitamos de mais momentos como esses em nossa formação.	-	16,3%	83,7%
Ainda que eu não possua deficiência, mas caso possuísse, gostaria que meus colegas e a minha escola organizassem atividades como a do livro paradidático.	-	7,0%	93,0%
A contextualização presente no livro paradidático me ajudou a entender melhor sobre a inclusão na disciplina Educação Física	-	11,6%	88,4%
O uso do livro paradidático com as regras do vôlei sentado teve mais sentido por descrever e exemplificar como ela acontece	-	25,6%	74,4%
A leitura do livro antes da atividade prática me preparou para a situação de jogo com o entendimento das regras do vôlei sentado.	-	7,0%	93,0%

Fonte: Elaborado pelos autores.

Legenda: Discordante – **DC** (0% a 40%); Intermediária – **IT** (41% a 70%) e Concordante – **CC** (71% a 100%) das afirmações na escala de opiniões (Escala Likert).

Os resultados então compilados confirmam outras pesquisas que corroboram para a compreensão da importância de se utilizar o recurso livro paradidático ao processo de ensino e aprendizagem por melhor contextualizar a temática em discussão (ASSIS; TEIXEIRA, 2003; PRECIOSO; SALOMÃO, 2014; RODRIGUES, 2015; LIMA; SANTOS; LIMA, 2016). No caso desta pesquisa, os estudantes reconheceram que temáticas como a inclusão e os esportes adaptados ainda são pouco discutidos em nossas escolas, em referência à prática na Educação Física, sendo necessário valorar o devido significado e suas discussões sobre a inclusão no esporte em momentos semelhantes ao que foi vivenciado (Quadro 01).

Dentre as considerações dos estudantes, expressas também em suas respostas discursivas, destacam-se compreensões como a importância de se integrar pessoas com deficiência e sem deficiência nas diversas atividades práticas esportivas promovidas no componente curricular Educação Física; de se reconhecer intervenções como essa por serem estratégias diferentes e não convencionais de aprender as regras do esporte com inclusão; além de ser uma forma diferente de experienciar circunstâncias reais do que é incluir (Quadro 01).

Confirma-se, nos resultados, que a situação explorada no enredo do livro, associada com a vivência do esporte na escola, provocou nos estudantes condições inusitadas para a reflexão de seus preconceitos e compreensão do que é e das possibilidades de se incluir. O trabalho corrobora com estudos anteriores de que a pertinência do uso de livros paradidáticos também está em explorar temas diversos e diagnosticar suas particularidades para melhor situar o leitor no mais real e aplicável da situação e da temática por ele explorados (PRECIOSO; SALOMÃO, 2014; RODRIGUES, 2015; LIMA; SANTOS; LIMA, 2016).

5 Considerações finais

Os resultados confirmam que a interação com a leitura do livro paradidático beneficiou a aprendizagem dos estudantes participantes da intervenção por agregar a descrição da prática esportiva e de suas regras com a realização da atividade. As situações práticas fortaleceram a integração do esporte com o oportuno sentido da inclusão escolar e esportiva ao abordar e contextualizar a prática esportiva e a inclusão com o vôlei sentado, explorado na proposta de intervenção da disciplina Educação Física. Assim, o fato de se contextualizar uma situação que seria depois também vivenciada construiu nos estudantes representações do que deveria acontecer como situação inclusiva. Ou seja, o livro paradidático preparou os estudantes para situações de inclusão a serem construídas na prática do componente curricular Educação Física.

A pertinência do trabalho com o recurso livro paradidático foi confirmada ao se entender que esse intermediou a inserção de temáticas e situações particulares que a exposição oral do professor, por si, não conseguiria dar conta de materializar e contextualizar para a aprendizagem mais integrada dos estudantes. Contextualizar os fatos, situando o leitor nas possibilidades e no real narrado na obra, colocou os estudantes no ambiente e nas condições necessárias de se discutir o objeto principal da história: no caso, a inclusão na prática

esportiva no contexto escolar. Assim, pela execução da proposta de ensino, percebe-se o quanto o sentido pleno da inclusão na escola ainda se fazia desconhecido nos espaços de aprendizagem, sofrendo questionamentos e novas perspectivas dos estudantes quando a situação inclusivista provocou surpresas e criou momentos inusitados aos estudantes e à própria comunidade escolar. A situação em estudo denuncia que as discussões e as vivências esportivas sobre inclusão não são algo comum e corriqueiro de acontecer em um ambiente escolar que, por seu papel social, também precisa convocar a sociedade a discutir essa inclusão, não se isentando de tão significativa responsabilidade.

Por desafios e demandas para futuras pesquisas, é significativo se trabalhar outras situações práticas do campo curricular da Educação Física, a exemplo da dança e das brincadeiras populares, com o propósito de também perceber e propor outras estratégias que integrem estudantes sem e com deficiência ao convívio social sem exclusões. Da mesma forma, é preciso ampliar estudos que (re)signifiquem as possibilidades de exploração dos livros paradidáticos como recurso e via de melhor contextualizar e vivenciar conceitos e valores para a formação dos estudantes, aproximando-os do entendimento de temas diversos e ainda pouco explorados através de recursos alternativos ao ensino comumente realizado em nossas escolas.

Referências Bibliográficas

ARANTES, A. R. **Elaboração de um material didático de Física: Textos e Experimentos**. Dissertação de Mestrado do Instituto de Física de São Carlos (IFSC-USP), 2002. DOI: 10.11606/D.76.2002.tde-04022014-173819.

ASSIS, A.; TEIXEIRA, O. P. B. Algumas reflexões sobre a utilização de textos alternativos em aulas de Física. **IV ENPEC - Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências**, Bauru – SP, 2003. Disponível em: <http://www.abrapecnet.org.br/enpec/iv-enpec/Arquivos/Orais/ORAL029.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2021.

BACHELARD, G. **A Formação do Espírito Científico: contribuição para uma psicanálise do conhecimento**. 7 ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 2007.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**, (trad.) RETO, A. L. A. São Paulo: Edições 70, 2011.

BIANCONI, E. C.; MUNSTER, M. A. V. Educação Física e pessoas com deficiências: considerações sobre as estratégias de inclusão no contexto escolar. In.: **IX Congresso Nacional de Educação – EDUCERE; III Encontro Sul-Americano de Psicopedagogia**, PUCPR, 2009. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/cd2009/pdf/1995_991.pdf. Acesso em: 10 ago. 2021.

BRASIL, **A Educação Física Escolar Especial, a Inclusiva e as Paraolimpíadas**. – Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2011. 191p. – (Série ação parlamentar;

n.435). Disponível em: https://bd.camara.leg.br/bd/bitstream/handle/bdcamara/5930/educacao_inclusiva.pdf?sequencia=1&isAllowed=y. Acesso em 22 ago. 2020.

BRASIL, Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88_Livro_EC91_2016.pdf. Acesso em: 06 de jul. de 2017.

BRASIL, LEI Nº 13.146, de 6 de julho de 2015: Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2015/lei-13146-6-julho-2015-781174-normaatuizada-pl.pdf>. Acesso em: 05/ mai. 2018.

BRASIL, LEI Nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996: Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 06 jul. 2017.

BUSTO, R. M. A deficiência e o esporte paraolímpico. In: **VII Encontro da Associação Brasileira de Pesquisadores em Educação Especial** – Londrina-PR, 08 a 10 novembro de 2011, p. 2400-2422. Disponível em: <https://docplayer.com.br/8973075-A-deficiencia-e-o-esporte-paraolimpico.html>. Acesso em: 01 out. 2017.

CARDOSO, V. D. A reabilitação de pessoas com deficiência através do desporto adaptado. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v.33, n.2, 2011, p. 529-539. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0101-32892011000200017>.

COSTA, A. M.; SOUSA, S. B. Educação Física e Esporte Adaptado: história, avanços e retrocessos em relação aos princípios da integração/inclusão e perspectivas para o século XXI. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v.25, n.3, 2004, p. 27-42. Disponível em: [file:///C:/Users/User%20ADM/Downloads/236-709-1-PB%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/User%20ADM/Downloads/236-709-1-PB%20(2).pdf). Acesso em: 10 ago. 2017.

COSTA, V. B. Inclusão escolar na educação física: reflexões acerca da formação docente. **Revista Motriz**, v.16 n.4, 2010, p.889-899. DOI: <https://doi.org/10.5016/1980-6574.2010v16n4p889>.

CURY, C. R. J. Direito à Educação: direito à igualdade, direito à diferença. **Cadernos de Pesquisa**, n. 116, 2002, p. 245-262. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0100-15742002000200010>.

DÍAZ, F.; BORDAS, M.; GALVÃO, N.; MIRANDA, T. (Org.) **Educação inclusiva, deficiência e contexto social: questões contemporâneas** - Salvador: EDUFBA, 2009. 354p.

GOMES, N. L. (Org). Desigualdades e diversidade na educação. **Educação & Sociedade**, v.33, n.120, Campinas, 2012, p. 687-693. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0101-73302012000300002>.

LIMA, G. H.; SANTOS, J. P. J.; LIMA, K. E. C. Livros Paradidáticos produzidos por estudantes como proposta de avaliação na perspectiva da Taxonomia de Bloom. **Revista da SBEnBio**, n.9, 2016, p. 2174-2185. Disponível em: https://sbenbio.org.br/publicacoes/anais/VI_Enebio/VI_Enebio_completo.pdf. Acesso em: 08 set. 2020.

MALHEIROS, B. T. **Metodologia da Pesquisa em Educação**. Rio de Janeiro: LTC, 2011.

MANTOAN, M. T. E. **Inclusão escolar : o que é? por quê? como fazer?** Coleção cotidiano

escolar. São Paulo: Moderna, 2003.

MELO, E. A. A. **Livros paradidáticos de língua portuguesa para crianças: uma fórmula editorial para o universo escolar**. 2004. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas.

MUNAKATA, K. **Produzindo Livros didáticos e paradidáticos**. Tese de doutorado em História e Filosofia da Educação (PUC-SP), 1997. Disponível em: https://www.academia.edu/3763517/Produzindo_livros_did%C3%A1ticos_e_paradid%C3%A1ticos. Acesso em 22 fev. 2017.

PRECIOSO, N. L.; SALOMÃO, S. R. Leitura em aulas de Ciências: a contribuição dos Livros Paradidáticos. **Revista da SBEnBio**, n.7, 2014, p. 5969-5977. Disponível em: https://sbenbio.org.br/publicacoes/anais/V_Enebio/V_Enebio_completo.pdf. Acesso em: 10 ago. 2017.

RODRIGUES, M. A. A leitura e a escrita de textos paradidáticos na formação do futuro professor de Física. **Ciência & Educação**, Bauru, v. 21, n. 3, p. 765-781, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1590/1516-731320150030015>.

SILVA, A. A. C.; MARQUES, R. F. R.; PENA, L. G. S.; MOLCHANSKY, S.; BORGES, M.; CAMPOS, L. F. C. C.; ARAÚJO, P. F.; GORLA, J. I. Esporte adaptado: abordagem sobre os fatores que influenciam a prática do esporte coletivo em cadeira de rodas. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v.27, n.4, 2013, p. 679-687. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1807-55092013005000010>.

SILVA, T. S., LANDIM, M. F. e SOUZA, V. R. M. A utilização de recursos didáticos no processo de ensino e aprendizagem de ciências de alunos com deficiência visual. **Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias**, v.13, n.1, 2014, p.32-47. Disponível em: http://reec.uvigo.es/volumenes/volumen13/REEC_13_1_3_ex710.pdf. Acesso em: 02 ago. 2017.

Artigo recebido em: 12.07.2021 Artigo aprovado em: 23.09.2021 Artigo publicado em: 29.09.2021